

DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria— D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

As assignaturas para a Corte são de 23 por trimestre, 43 por semestre e 85 por anno. Para as províncias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Príncipe dos Cajueiros n.º 164 sobrado.

O DOMINGO

Rio, 19 de Abril de 1874.

Pedimos venia à illustrada redacção do *Almanach das Senhoras*, de Lisboa, para dar como artigo de fundo o bellissimo artigo seguinte :

A mulher e o album.

Todos sabem o que é um album, e, no entanto, falla-se muito d'esta que tem infinitos pontos de contacto com aquelle. E' que a estranha mania do mundo é querer definir muitas cousas que apenas conhece ! Se fosse permitido fallar-se do que cada um entende, metade do genero humano, pelo menos, ficaria condenado a um eterno silencio. O album, no seu primitivo estudo, é um livro branco, a mulher, na sua infancia, é uma assucena inocente, imaculada ! O homem veste as folhas do album com os seus pensamentos; o homem despoja o coração da mulher, no gravar n'ella as suas idéas, porque lhe arrebata as crenças, a fé !

Uma pincelada de Goya ou de Ticiau, uma estrophe de Tasso ou do Dante, uma sublime inspiração de Mozart ou de Gounod' enriquecem um album.

A caridade, a abnegação e o sentimento, podem fazer do coração da mulher um thesouro. O album, como o mar e como a alma da mulher, contém no fundo perolas. Larra diz que o album é um cemiterio onde estão enterrados (separando-as apenas um tabique) de um lado os tolos e do outro os discretos, com a unica diferença, de que os segundos honram o album, e arte hora os primeiros.

Nada mais indecifrável do que o mosaico do album; nada mais difícil de comprehender do que o coração da mulher; hieroglífico misterioso, problema insondável.

E, no entanto, não ha homem nenhum que não affirme que conhece a mulher ! !

Escriptores de todas as épocas tentaram fazer a apologia da mulher. Acontece, porém, que ao quererem retratar a sua phisionomia moral, sae-lhes uma caricatura que não tem a mais leve semelhança com o original !

Sinceramente; acertaria Tito Livio quando chamou à mulher, *animal indomavel*? ou Milton denominando-a com alambicada pretensão, *feliz erro da natureza*? Chateaubriand então diz—« A mulher suspende em torno do homem as flores da vida, tal qual as trepadeiras dos cam-

pos que enleiam os troncos das arvores, cbrindo-os com flores » Um poeta portuguez exclama, referindo-se ao mesmo assunto : « A mulher é uma perola divina que o Eterno soltou dos labios para opulentaç o arido deserto da terra »

E talvez Beauchêne o unico que fallou verdade quando disse :

« Os homens estudam as mulheres, julgam-nas, e quasi sempre se enganam; as mulheres olham para os homens, adivinham-nos e raras vezes se illudem. »

Uma mulher de intelligencia pôde, querendo, desconfiar um sabio com um simples olhar.

Em quanto o sabio consagra as suas vigilias ao estudo das sciencias, que lhe poderão fazer conhecer a *verdade*, ocupa-se o mundo em amestrar a mulher na *mentira*.

—Bravo!—acode o homem—é uma mulher que confessa que as mulheres mentem por conseguinte fingem !

Quem o duvida ?

Fingem no grande mundo e fingem no lar. A mulher aos 15 annos diz o que sonha, aos 20 o que pensa, aos 25 ou não diz o que sente, ou pensa demasiado o que diz, aos 30 annos, porém, é uma verdadeira notabilidade na arte de Rossi e de Talmá.

Este progresso successivo, deve-o ao convívio que tem com os actores das salas. Ha trez especies que fingem : A *coquette*, inacessivel a todo o sentimento, a mulher exessivamente sensivel... E' esculpido que me occupe da primeira, o typo é demasiadamente conhecido; a segunda obriga-a a fingir o ardente coração que posse. O que elle sente, bem sabe ella que nenhum homem lho comprehenderá; e muitas vezes tem de sustentar intimas lutas para esconder o amor que experimenta pelo ho em que a está enganando ! Outras, porque o *dever* l'ho ordena; o *dever*, a barreira de bronze com que cerca as suas paixões.

Depois d' estas duas mulheres temos a terceira, a sacerdotisa do lar; essa finge por um excesso de singular affecto. Finge quando deixa ver ao companheiro da sua vida o semblante sereno, com a tempestade no coração, e o sorriso na boca, quando-se lhe enche de lagrimas a alma. Esta mulher espalha a felicidade em redor de si, tendo as vezes diante dos olhos a desdita; absorve fel para distillar de si mél, e arranca do caminho todos os espinhos para que os outros colham só rosas. Assim disfarça os seus negros pensamentos com mascara de brillantes cores.

Haverá n' este mundo mais nobre e generosa hypocri-

sia?... Um coração que não se cança de sofrer, uma alma que não se fatiga de amar!

A mulher é um livro cujo prologo foi escrito por Deus: como obra sua é sempre admirável; o epílogo são os homens que o escrevem.

Estudar a mulher na infância é estudar a obra do Creador; estudar-a na velhice é estudar a obra da criatura.

Jornal das Damas

Temos à vista o 1º numero desta Publicação hebdomadaria, da qual é principal redactora a Exma. Sra. D. Carlota Corte Real, colaborada somente por senhoras.

“Seja bem vindo”, foi o grito que soltámos ao ler esse fruto do labor literário da nossa colega, que bondosamente e sem que o merecemos, dignou-se de mencionar o nosso humilde nome entre os de escritoras tão distinguidas como George Sand, Condessa Dash, M^{ra} de Stael, D. Guiomar Torresão, e outras.

Duplamente grata por tão impreciso favor, o qual acompanhou o da remessa do 1º numero do interessante Periodico, de que nos ocupamos, seja-nos lícito cumprimentar à sua redactora em chefe pelo brinde que acaba de fazer ao público desta Corte, alistando-se, com a nossa humilde personalidade, na difícil tarefa de sustentar os direitos do sexo à que pertencemos, e que conta felizmente com mais esse orgão em seu favor.

Apertando a mão da nossa nova amiga e companheira de lides, apetece-nos-lhe todas as venturas que para nós desejamos.

LITTERATURA

A Oração de S. Nicolau

(Conclusão)

O secretário era um velho austero cuja devocão ascética inspirava mais terror do que confiança aquelles que viviam sob sua dependência. Toda ella estremeceu quando no cabo de poucos instantes de espera na antecâmara do dignitário, um criado de libr^o veio advertir-a de que o Sr. Secretário a esperava.

Catharina experimentou a mais agradável surpresa quando em vez do acolhimento severo e altivo que esperava, viu o velho levantar-se da sua poltrona para receber-a, fazendo todo o empenho em modificar os traços de sua fisionomia carregada.

—Minha querida filha, disse elle affectando maneiras delicadas, S. Ex. Rev^{ra}, o venerável patriarca, penalizado da vossa posição e da perda que soffrestes na pessoa de vossso pai, que era um dos nossos mais devotados servidores, S. Ex. Rev^{ra}, digo, decidio que teríeis a sobrevivência de seu emprego, encarregando-vos de vos caíades imediatamente com quem pode convenientemente ocupar esse lugar. E como era de presumir que esse lugar passasse a Guttorf, o sineiro a quem estava prometido, decidi que fosse elle vosso marido. Dai graças primeiramente à Deus, e depois a S. Ex. Rev^{ra} pela protecção extraordinaria que elles vos concedem.

A timida Catharina, cuja d^r se tinha mudado de natu-

reza, não se atreveu a fazer observações. Beijou respeitosamente a mão do secretário, e recolheu-se tristemente à sua pobre morada. “Se Peters não se tivesse engajado, pensava ella, poderíamos agora ser bem felizes: e com Guttorf o mais feio e mau dos homens, a vida serme-ha um suppicio, a que me submetterei por amor d'estes meninos.

Quando ella chegou à sua casinha, encontrou ali um desconhecido que lhe entregou um embrulho e um papel com estas palavras: *Hesgate de Peters*. Havia no embrulho dous mil rublos.

Catharina teve uma vertigem pelo prazer que sentio; correu ao porto, pediu um bote, promettendo grande recompensa aos remeirose que chegassem a Constadt antes da maré cheia. Mostrou-lhes algumas moedas de ouro, e o bote correu.

O Alexandre ainda não tinha dado o signal da partida, mas toda a equipagem estava a bordo e principiava a manobrar para se fazer de vela, quando Catharina chegou.

Ella pediu que queria fallar com o capitão, mas como estava ocupado, o seu ajudante prestou-se a ouvir-a.

—Esta moça está louca, disse elle depois que Catharina lhe expoz o motivo da sua embaixada. Não é no momento da partida que um marinheiro se pode resgatar, minha filha. Os quadros da equipagem estão definitivamente marcados, e agora é impossivel.

—Esperai, disse o capitão aproximando-se, trata-se do marinheiro Peters? A tres horas pouco mais ou menos recebi ordens do almirantado a seu respeito. Se Peters pôde pagar a somma necessaria para seu resgate, está livre. A moça, atordoadas pela sua felicidade, desceu para o bote carregada pelo feliz Peters que se julgava prêza de um sonho. Voltaram para a igreja, e para que nada faltasse ao prazer do joven par, os dous amantes acharam ali um dos secretários particulares do patriarca para informá-los que S. Ex. Rev^{ra} desaprovando o casamento de Catharina com Guttorf dava-lhe a liberdade de sua escolha, e que S. Ex. Rev^{ra} abençoaria os dous esposos. Todos estes incidentes se deram como se um genio bemfazejo houvesse presidido à sua combinação. O segredo d'esta felicidade inesperada ficou sempre impenetrável; mas desde então Catharina e seu excellente marido tem devocão particular com São Nicolau, advogado dos homens do mar, e protector de todas as Russias.

Se o desconhecido não foi mesmo o muito poderoso Nicolau, não poderemos explicar o milagre que tão subitamente mudou a desgraca d'esta pobre familia em uma felicidade que nunca mais se alterou.

FIM

As ondinhas

(FOLHA SOLTA)

Estava em uma bella manhã, em Inhaúma. Duas lindas meninas brincavam à beira de uma praia.

Ambas com os cabellos soltos, em cujos aneis dourados a inquieta briza matutina, corriam pisando com os pés descalços, nas areias humidas, pelos frígridos beijos das vagas, como trefegas borboletas em torno da cascata.

Risonhas, como anjos, descuidosas, como crianças que eram, nem viam que eu as espreitava sorrindo, occulto por traz dos arbustos, sem ouzar dar um passo, receioso de interromper-lhes as carreiras loucas, que tão satisfeitas soltavam, quaes duas gazellas nas campinas.

A's vezes, como os cysnes do lago, iam ligeiras molhar nas ondas os seus pésinhos nus.

Como estavam encantadoras!....

Tinham o sorriso da innocencia e a imprudencia de criança.

**

Luiza viu-me e correu para onde eu me achava.

—Estava escondido? perguntou-me ella sorrindo.

—Não, Luluca, estava contemplando-te....

—Olhe.... leve-nos para aquella ilha, disse-me ella apontando para um pequeno escaler que estava preso á uma corda,

A ilha de que me fallava Luiza, ficava muito perto de onde estavam-s.

—Mas não tens medo, Luluca?.... disse eu admirado.

—Medo? ! ... Medo de que? Quero ir áquella ilha.... E' tão bom ser-se embalado pelo mar....

—E' tão bom sentir-se o choque d'aquellas ondas.... exclamou Josephina que vinha-se approximando.

—Tambem tu? ! exclamei por minha vez.

—Tambem eu, sim.... Entao.... quer levar-nos?....

Dous minutos depois vogavamos no meio das ondas levados pelo batel.

**

O mar estava brando e calmo, e o batel desfilava retilhando as ondas.

Josephina, maravilhada, contemplava silenciosa a paisagem da natureza, assustando se ás vezes ao ouvir o marulho das vagas.

Luluca, travessa sempre, sempre inquieta, ora tomava um remo para ajudar-me a conduzir o batel, ora fazia mil movimentos imprudentes que me assustavam.

Tudo era maravilhoso.

Eu conservava-me mudo, immerso no mais sublime encanto, dando expansão ao extases da minha alma.

Eu era feliz.

N' meu lugar de remeiro, julguei ver no meu batel um berço onde adormeciam dous anjos.

É ellas, uma silenciosa e pensativa, outra, risonha e encuidosa, eram quaes duas ondinhas dominando as vagas.

**

Aportamos á ilha.

Apenas ellas sentiram que o barco roçava na praia, saltaram pressurosas, e contentes, colhiam ás conchas dos mais variegados feitios, que ali encontravam.

Eu não desembarquei.

Fascinadas pela beleza da ilha, elllas já não se lembravam que o sol ia alto, e que eram horas de voltar.

Avizei-as.

Quando chegámos junto do arbusto, onde eu me havia occultado, uma linda patativa, soltava um doce e mavioso gorjeio, pousada indolentemente nas ramagens do mais elevado galho.

Josephina parou, embebida ouvia taciturna o canto do passarielho, ao passo que Luiza, examinava uma a uma as conchinhas que havia colhido.

Na manhã seguinte, fui visitá-las.

Encontrei Josephina conciudando um linho bordado á seda. Era exatamente um passarinho, pousado n'um arbusto.

Logo que me viu disse-me:

—Não sabe?... Sonhei com a linda patativa!...

Luiza, correndo para mim, abriu um alvo lencinho, mostrando as conchinhas da ilha.

Hoje, como lembrança d'aquella manhã; como um ricº adorno de uma sala, existe um quadro na perede, onde se acha o passaro que Josephina bordara.

LELLIS TRIXEIRA

PARTE RECREATIVA

Quinquilharias

Um medico, fallando nm dia com um cura d'almas, zeloso em tudo que dizia respeito ao seu ministerio, pergunton-lhe com a habitual ironia dos materialistas, se elle continuava pregando á cerca da salvação das almas. O padre respondeu affirmativamente.

—V. Rev^{ma} já viu alguma alma? acudiu o medico.

—Não vi, respondeo o cura.

—Ouviu alguma alma?

—Não ouvi nunca

—Aspirou alguma alma?

—Não senhor.

—E sentio, palpou alguma alma? continuou o medico na serie das perguntas

—Não palpei, mas senti. atalhou o sacerdote.

—Pois bem, volveu sorrindo o incredulo, temos então á vista um sentido contra quatro, que negam evidentemente a existencia da alma

O cura, depois de ouvil-o, perguntou com a maior tranquilidade ao doutor se elle era formado em medicina.

Depois da resposta deste, acrescentou:

—V. Ex. já viu alguma dôr?

—Não senhor.

—Ouvio alguma dôr?

—Tambem não.

—Aspirou alguma dôr?

—Não, mas...

—Gostou de alguma dor?

—Menos...

—Palpou alguma dôr?

—Não, e não, porém...

—Ora muito bem, proseguiu o cura, aqui temos todos os seus cinco sentidos que refutam a existencia da dôr, e no entanto V. Ex. que é medico, está tão convencido de que ha dôres no corpo humano como eu estou certo de que ha nesse corpo uma alma.

A mulher de um a dez annos é *Beja flor*; — de dez a quinze — *Rourinol*; — de quinze a vinte — *Ave do Paraizo*; — de vinte a vinte e cinco — *Rola*; — de vinte a trinta — *Andorinha*; — de trinta a quarenta — *Gralha*; — de quarenta a cinquenta — *Coruja*; — de cinquenta a sessenta — *Ema*; — de sessenta em diante não é nem mulher, nem cousa nenhuma.

O homem desde que nasce até aos dez annos é — *Pica-pão* ; — de dez a quinze — *Pinta Ni-go* ; — de quinze a vinte — *Frango* ; de vinte a trinta — *Faizão* ; de trinta a trinta e cinco *Gallo* ; — de trinta e cinco a quarenta — *Pavão Real* ; — de quarenta a cincuenta — *Papagaios* ; — de cincuenta a sessenta — *Mocho* ; — de sessenta a setenta — *Arara* ; — de setenta a oitenta — *Grou* ; — de oitenta por diante delle nos livre ,Deus.

Só penso em ti !...

Penso em ti quando a aurora vem surgindo,
Melindrosa, mostrando encantos mil...
Penso em ti, quando nuvens transparentes,
Vagam serenas por um céo de anil.
Penso em ti, quando tarde em horas longas,
As flores gemem soluçando amores !...
Penso em ti, quando a brisa vem serena
A's águas turvas murmurar clamores.
Penso em ti, quando o infante dorme o sono
Embalado por sonhos venturosos...
Penso em ti, se da flor que pende à haste
Caem as pet'las n'um sorris de gozos.
Penso em ti, quando triste só e só,
O coração me falla e a mente esfria.
Penso em ti, quando a noite acorda a aurora,
E a aurora acorda despertando o dia !...
Penso em ti ; penso em ti como ninguem,
Pensando amores, poderá pensar !...
Penso em ti, ó Elisa, penso em ti,
E vivo sempre para te adorar...

Bahia 24 de Setembro de 1874.

E. PESSOA

Não creias não !

RECITATIVO

« L'oubli ! l'oubli ! c'est l'ondo où tou se noie
v. HUGO.

Onda perdida, d'Oceano abismo,
aos pés do Bardo, murmurando amor,
se, distraída, junto a ti eu scismo,
não creias não, qu'eu vos tenh'horror !
Rólla sentida, que no verde ramo,
modella endeixas, que suspira medo,
se algum disser-te, qu'eu não te amo,
não creias não, ainda é cedo ! .
Meigo regato, que rolando treme,
na verde relva, deslizar-se à custa,
s'a 'lyra novel, junct'a ti só gemes,
não creias não, que me causes snto.
Astro da noute, que nos Céus errante
a terra cobre, d'argentina cor,
s'evito às vezes, teu fallar constante,
não creias não, que me causes dôr !
Anjo ou demônio, que doudes à mente
qual lava ardente, que traduz « amor »
s'e o vate às vezes sem querer te sente,
não creias não, que t'odeio, ó flor !

Sonho da vida, nos embalh'um dia,
a fronte ardente, qu'o pézar crêstou !
gozos insanos qu'a demencia cria !
louca magia qu'o tufão levou !

Rio Preto, Abril de 1874.

D. Maria Leonilda Carneiro de Mendonça.

Charadas

Não senhor, eu não permitto
As delongas de ninguem :
Despache, vamos a isso,
Senão, passe muito bem . . . 1
Estímulo do trabalho ;
E que estímulo que eu sou !
Pois sem mim todo o trabalho,
Ou morreu, ou atroxou . . . 1

CONCEITO

Quasi até sem me sentir,
Tudo em mim mudado tem
Já não fujo da cerveja,
Ja com bifes me dou bem.

Meu perjurio não castigues,
O' meu Deus em quem eu creio !
Pois de gente tão arteira
Eu confesso o meu receio.

TRÍPLICE CHARADA

Só trabalho à duas pés . . . 2
Sem ser pinto tenho voz . . . 2
Me contento com dous n's . . . 2
Que o nome me prefas.

D. Honorata Minerva Carneiro de Mendonça.

CHARADA OFFERIDA A UMA DAS COLLABORADORAS DO

« DOMINGO »

Na lingua dos Romanos,
En denoto distinção,
E mesmo entre os humanos,
Sou de grande estimação . . . 2
E' mais difícil *fazer-me*
Que por certo *desfazer-me* . . . 2

CONCEITO

O meu todo é o nome
De uma joven interessante,
Que ao Domingo tem prestado,
Serviço mui relevante.

B.

A decifração das charadas do numero antecedente 6 ;
a 1^a, Melampo e a 2^a, Capa.

Errata

Na poesia — A Redenção — publicada no n^o 20, na
1^a verso e 2^a linha onde se diz : « Que crêdes » diga-se :
« Que rideas »

Typ. da rua da Alfandega n. 185.